



APONTAMENTOS SOBRE O ENSAIO “A CRISE NA EDUCAÇÃO” DE HANNAH ARENDT

NOTES ON THE ESSAY “THE CRISIS IN EDUCATION” BY HANNAH ARENDT



Duarte Bernardo Gomes – Ministério Público de MG 

RESUMO

O presente artigo propõe discutir a Crise na educação no mundo moderno, destacando a tensão entre tradição e inovação, tendo em vista que a educação tem a responsabilidade de preparar as novas gerações para o mundo existente, mas também reconhece que as crianças representam algo novo e inesperado. Por essas razões, o objetivo da pesquisa é apontar sobre o papel da educação na transmissão de um mundo comum entre gerações. Para atingir esses objetivos, a metodologia empregada incluiu a pesquisa bibliográfica que se concentrou na revisão e análise de estudos, livros, artigos de periódicos e informações extraídas em meio eletrônico pertinentes ao tema estudado. Os resultados apontaram que a educação deve proteger o novo (as crianças e jovens) do velho (o mundo estabelecido), enquanto simultaneamente prepara os jovens para a responsabilidade de renovar e manter o mundo que herdaram. Assim, os resultados apontaram que a educação deve resguardar o novo -representado pelas crianças e jovens - do velho, que é o mundo já estabelecido. Ao mesmo tempo, é fundamental que essa educação prepare os jovens para assumir a responsabilidade de renovar e preservar o mundo que herdaram. Assim, conclui-se a importância de a educação equilibrar tradição e inovação, do mesmo modo como autoridade e liberdade, para promover um desenvolvimento harmonioso e eficaz.

Palavras Chave: Educação contemporânea. Crise. Crianças e jovens. Mundo moderno. Hannah Arendt.



ABSTRACT

This article proposes to discuss the Crisis in education in the modern world, highlighting the tension between tradition and innovation, considering that education has the responsibility of preparing new generations for the existing world, but also recognizes that children represent something new and unexpected. For these reasons, the objective of the research is to highlight the role of education in transmitting a common world between generations. To achieve these objectives, the methodology used included bibliographical research that focused on the review and analysis of studies, books, journal articles and information extracted from electronic media pertinent to the topic studied. The results showed that education must protect the new (children and young people) from the old (the established world), while simultaneously preparing young people for the responsibility of renewing and maintaining the world they inherit. Thus, the results showed that education must protect the new - represented by children and young people - from the old, which is the already established world. At the same time, it is essential that this education prepares young people to take on the responsibility of renewing and preserving the world they inherit. Thus, we conclude that it is important for education to balance tradition and innovation, as well as authority and freedom, to promote harmonious and effective development.

Key words: Contemporary Education. Crisis. Children and young people. Modern world. Hannah Arendt.

1. INTRODUÇÃO

Arendt (2002) escreveu o livro intitulado *Entre o passado e o futuro*, que faz parte da série *Debates*, voltada para a reflexão política. A primeira edição foi publicada em 1957 pela Editora Perspectiva. Inicialmente, a obra reunia seis ensaios sobre o tema das crises, mas, posteriormente, foi atualizada com a adição de dois novos ensaios, totalizando oito textos na versão mais recente.

Um conjunto de inquietações da autora, oriundas de momentos antagônicos entre o passado e do tempo futuro, possibilitou reflexões políticas diferenciadas no século XX, compondo, dessa maneira, a identificação de uma lacuna do “presente” entre o passado e o futuro marcada pela inaplicabilidade e diluição da tradição sempre presentes na Modernidade.

A partir dessa lógica, o texto expõe de maneira clara a crise da educação como um componente da crise da Modernidade. A autora não analisa a educação



como um aspecto isolado; ao contrário, sustenta que ela deve ser compreendida apenas como parte de uma crise mais abrangente.

O texto apresenta palavras-chave e sendo uma delas a natalidade. Para Arendt (2002) a educação se manifesta porque a todo momento novas pessoas. As crianças nascem e precisam ser educadas para compreender o mundo ao seu redor, e é por essa razão que a educação se torna necessária.

Desse modo, educar para Arendt (2002) é preparar a criança para a vivência no mundo atual e essa possibilidade é fundamental porque o mundo está aqui, muito antes da criança e vai continuar indefinidamente depois dela. Assim, é preciso que se abra duas frentes para que se absorva o entendimento arendtiano sobre educação. A primeira delas é a proteção do mundo da criança, garantindo que ela tenha um ambiente seguro e acolhedor. A segunda é a preparação da criança para que ela possa viver de forma plena e consciente nesse mundo.

No mesmo sentido, Correia acrescenta:

A citação mais recorrente na obra publicada de Hannah Arendt é a seguinte frase de Agostinho de Hipona: “Para que houvesse um início o homem foi criado” Ela julgava que cada nascimento é percebido no mundo porque todo recém-chegado possui a capacidade de agir, de iniciar algo novo. Sendo cada homem um indivíduo singular, no nascimento algo singularmente novo vem ao mundo. Não é outra a razão de a natalidade ser para ela a categoria central do pensamento político, distintamente do pensamento metafísico, ocupado com a mortalidade (Correia, 2007, p. 22).

2. A CRIANÇA E O MUNDO NA PERSPECTIVA ARENDTIANA

Extraída da relação entre “a criança e o mundo” a questão que se lança na prática é “como preparar a criança para compreender o mundo atual”?

Para Arendt (2002) preparar a criança para a compreensão do mundo exige autoridade e respeito pela tradição. A autoridade para dizer à criança como é o mundo que ela necessita de saber e a tradição porque o mundo já existe muito tempo antes dela. Para tanto, é preciso que ela não só conheça, mas respeite essa condição do mundo. Esse aspecto não impede que a criança transforme o mundo, ao contrário, para transformá-lo é preciso antes de tudo entender como ele funciona.



Arendt (2002), uma das pensadoras mais influentes do século XX, não abordou diretamente a questão de como preparar a criança para compreender o mundo atual da maneira que se pode esperar de um educador moderno. No entanto, suas ideias sobre educação, política e formação do pensamento crítico oferecem *insights* valiosos sobre como preparar as crianças para o mundo contemporâneo.

Educação como formação do pensamento crítico Arendt (2002) valorizava profundamente a educação como um meio para cultivar o pensamento crítico e a capacidade de julgar. Na obra *Entre o passado e o futuro*, serve de base para este despretensioso comentário, ela argumenta que a educação deve preparar os indivíduos para pensar por si mesmos, em vez de simplesmente transmitir conhecimento. Isso implica encorajar as crianças a questionar, refletir e desenvolver suas próprias opiniões sobre o mundo.

Por outro lado, na perspectiva de Arendt (2002), a importância da defesa e valorização do mundo comum é inegável. Ela acreditava na necessidade de criar um espaço compartilhado onde as pessoas pudessem se encontrar e trocar experiências. Para as crianças, isso transcende a mera aquisição de fatos e informações; é fundamental que elas desenvolvam uma compreensão profunda das instituições e das práticas culturais que constituem a sociedade. Preparar as crianças para o mundo contemporâneo implica em expô-las a uma variedade de perspectivas e experiências que reflitam a complexidade e a diversidade do mundo moderno.

Pela educação pode-se levar em consideração um mundo ideal. Em sua obra, Arendt (2002) destacou a importância de um currículo que inclua o estudo de ideias e conceitos fundamentais, como a liberdade, a justiça e a responsabilidade. Isso é crucial para ajudar as crianças a entenderem não apenas o funcionamento do mundo, mas também os valores e princípios que moldam a vida em sociedade.

A importância do diálogo é outro ponto essencial para a compreensão e a formação política. Incentivar as crianças a participarem de discussões e debates é uma maneira de prepará-las para o mundo atual, onde a comunicação e o entendimento mútuo são fundamentais (Arendt, 2022).

No papel da criação a autora visa a educação como um processo que envolve



tanto a reprodução de modelos existentes quanto a criação de algo novo. Isso sugere que, ao preparar as crianças para o mundo, é importante equilibrar a aprendizagem de tradições e práticas com a promoção da inovação e da criatividade.

Assim, a visão de Arendt (2002) sobre a educação enfatiza a necessidade de formar indivíduos críticos, capazes de pensar e julgar autonomamente, enquanto são inseridos em um mundo comum que lhes oferece uma base para entender e engajar-se com a complexidade da sociedade.

Entretanto no ponto em que Arendt (2002) apresenta o problema investigado, isto é, a quebra da autoridade e a falta de interesse pela tradição, a autora critica os adultos que não assumem a sua autoridade para mostrar o mundo¹ para as crianças e também critica a falta de interesse pelo mundo como ele está, ou seja, em sua última conformação.

Apenas a título de compreensão - que talvez nem fosse necessário para o entendimento deste texto - reputo liminarmente prudente explanar a cognição de que entre os conceitos de autoridade e de autoritarismo, para a autora, há uma abissal distância e com funções opostas entre eles (Arendt, 2002).

Marcada por um perfil cívico e democrático, conferindo à autoridade sujeito imprescindível para impedir e/ou desfazer condutas autoritárias, a autora define muito bem o papel de cada uma dessas ações a ponto de não haver nenhuma aproximação real entre esses institutos a não ser se considerada a gramática.

Para Arendt (2002) a autoridade tem como princípio aquele que tem por função fazer-se respeitar nos termos da lei. Já autoritarismo, parte do emprego do poder em detrimento da liberdade. Autoritarismo soa como sinônimo de despotismo, ditatorialismo (Arendt, 2002).

Posto isso, entra em ação no mundo observado por Arendt (2002) uma segunda palavra-chave que se reputa importante em seu pensamento que é a

¹ Na mundanidade e através da fabricação o ser humano se converte em *homo faber* e adquire suas características específicas já que, enquanto meramente trabalha, ele nada mais é do que o animal mais desenvolvido do planeta. Então o primeiro aspecto essencial do *homo faber* é produzir objetos que, juntos, constituem o mundo humano (Adeodato, 1989).



responsabilidade.² No entendimento da autora a responsabilidade é o atributo da autoridade e que difere de qualificação. O que ela quer dizer com isso? Ela entende que um professor pode ser intelectualmente qualificado, ou seja, conhecer muito bem a sua disciplina, mas que não tem a responsabilidade de apresentar o mundo como ele é para as crianças. Assim, um professor qualificado pode ser irresponsável e um professor responsável também precisa de qualificação para que seu discurso não seja demagógico. Tem-se aqui dois aspectos distintos e muito importantes.

Arendt (2002) também fala sobre família que deve proteger a criança do mundo e o professor prepará-la para o mundo mostrando como o mundo é. Distingue essas funções, isto é, a família que acolhe e protege a criança do mundo e o professor que prepara a criança para o mundo. Funções diversas, a família não é a escola e a escola não é o mundo.

A escola é exatamente esse elemento de transição entre a família que acolhe a criança e o mundo para o qual a criança deve ser preparada. Nesse sentido, a autoridade do professor é a de exercer esse papel como um representante dos adultos no mundo. Logo, educar é preparar as crianças com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum.

3. ASPECTOS ILUMINISTAS DE EMANCIPAÇÃO INTELECTUAL E MORAL DO GÊNERO HUMANO

“Desde que o passado deixou de lançar sua luz sobre o futuro o mundo do homem vagueia nas trevas”³.

² Os pais humanos, contudo, não apenas trouxeram seus filhos à vida mediante a concepção e o nascimento. Eles assumem na educação a responsabilidade, ao mesmo tempo, pela vida e desenvolvimento da criança e pela continuidade do mundo. Essas duas responsabilidades de modo algum coincidem; com efeito podem entrar em mútuo conflito. A responsabilidade pelo desenvolvimento da criança volta-se em certo sentido contra o mundo: a criança requer cuidado e proteção especiais para que nada de destrutivo lhe aconteça de parte do mundo. Porém também o mundo necessita de proteção, para que não seja derrubado e destruído pelo assédio do novo que irrompe sobre ele a cada nova geração (Arendt, 2002).

³ A modernidade restaura a ideia de virtude cívica, e esse sentido corresponde àquele da moral antiga. O mundo moderno retomou e devolveu à atualidade uma parte da moral dos antigos [as virtudes públicas] e a intercalou no meio das noções que compõem a moral do cristianismo [a ideia



Num panorama mais geral, Alexis de Tocqueville explana sobre épocas que na filosofia constituem períodos distintos, destacando-se filósofos defensores de correntes variadas, e ainda, uns com influências sobre outros pairando nesses períodos a crítica de argumentos e de conteúdo.

Segundo Arendt (2002) Tocqueville retrata um importante período da filosofia que não conseguiu levar, historicamente, a um despertar passado capaz de iluminar o que chegaria, como chegou, o tempo futuro. Assim, qual seria esse período segundo o autor, tão importante, mas que não alcançou particularmente no campo da prática, do humanismo e do imanentismo as suas características fundamentais? Tocqueville aponta para o pensamento Moderno, cujos lapsos temporais se encerram na Renascença e Reforma, Racionalismo, Empirismo e Iluminismo.

“Aquilo que vem ao mundo para nada perturbar não merece nem contemplações nem paciência.”⁴

Nesse outro aforismo, agora com René Char, Arendt (2002) se apropria da máxima acima para o desenvolvimento de seu pensamento sobre a crise na educação e se espelha em uma parábola construída pelo escritor Franz Kafka que, a contento, carrega em sua essência o pensamento de René Char, poeta francês, já referido.

A parábola de Kafka é a seguinte:

Ele tem dois adversários: o primeiro acossa-o por trás, da origem. O segundo bloqueia - lhe o caminho à frente. Ele luta com ambos. Na verdade, o primeiro o ajuda na luta contra o segundo, pois quer empurrá-lo para frente, e, do mesmo modo, o segundo o auxilia na luta contra o primeiro, uma vez que o empurra para trás. Mas isso é assim apenas teoricamente. Pois não há ali apenas os dois adversários, mas também ele mesmo, e quem sabe realmente de suas intenções? Seu sonho, porém, é em alguma ocasião, num momento imprevisto – e isso exigiria uma noite mais escura do que jamais o foi nenhuma noite -, saltar fora da linha de combate e ser alçado, por conta de sua experiência de luta, à posição de

cristã da fraternidade humana] Ver Correspondance avec Gobineau, 15 de setembro de 1843, t. IX, 47. (Tocqueville *apud* Arendt, 2002, p. 32).

⁴ René Char (1907-1988) foi um poeta de Isle-sur-la-Sorgue, vilarejo próximo a Avignon, situado no sudeste da França. Ele fez parte do grupo surrealista francês por um curto período (1929-34) junto a nomes como Paul Éluard, André Breton e René Crevel. Lutou na resistência francesa no Exército Secreto do *maquis* dos Baixos-Alpes durante a ocupação alemã, adquirindo com isso a imagem de uma figura engajada de grande importância no pós-guerra (Char, 1983).



juiz sobre os adversários que lutam entre si (Kafka *apud* Arendt, 2002, p. 33).

Uma parábola implica em uma narração alegórica na qual o conjunto de elementos evoca, por comparação, outras realidades de ordem superior.

Na descrição dessa parábola existem forças externas que atuam sobre o movimento infinito do tempo, comprimindo, assim, um em direção ao outro, o passado e o futuro, cada qual cumprindo sua função bloqueadora. Dessa forma, nos termos da parábola, “Ele” tem dois adversários: o primeiro acossa-o por trás, da origem. O segundo bloqueia - lhe o caminho à frente. Ele luta com ambos. Na pesquisa de Teixeira e Bravo (2017), há a análise do componente “Ele” de Kafka que se entende imobilizado pelas forças do passado e pelas forças do futuro lugar comum de viventes, entremeando essas duas circunstâncias.

Assim se expressam os pesquisadores acima nominados sobre o tema objetivado e inserto no ensaio arendtiano sobre *A crise na educação*.

Este trabalho tem como objetivo realizar uma interpretação da leitura que Hannah Arendt faz da parábola “Ele” de Franz Kafka. A autora faz um uso peculiar do texto literário, extraindo dele um sentido filosófico. Para além da mera filosofia, Hannah Arendt descobre que ela mesma fala a partir da perspectiva do personagem de Kafka, o que significa no contexto falar do mundo de dentro do mundo para o mundo entre duas forças infinitas: passado e futuro (Teixeira; Bravo, 2017).

4. O DESAPREÇO DA MODERNIDADE PELA TRADIÇÃO

Conforme mencionado anteriormente e reiterando alguns aspectos do tema, no livro *Entre o passado e o futuro* está, entre outras obras, o ensaio intitulado *A crise da educação*, no qual Arendt (2002) busca entender as causas do colapso da tradição e a razão pela qual está em desuso. Essa rejeição ao mundo atual decorre do fato de que ele nunca conseguiu solucionar a questão da pobreza, resultando em uma aversão ao passado.

Não continuar o passado como exemplo de tudo, ela vai dizer que vários filósofos rompem com essa ideia, desembocando numa outra crise que vem dos



movimentos totalitários que é a crise da autoridade, alinhando-se ao primeiro impacto que vai gerar na questão da educação.⁵

Essa crise da autoridade busca reflexo no esfacelamento da tradição, também há uma rejeição que representa esse passado que é a autoridade (do perito, do professor, do mestre, do sábio etc.).

Quando a política se entrelaça com a educação, as coisas começam a entrar em colapso. Isso ocorre porque, influenciada pelo ideal de Rousseau, a educação se transforma em um instrumento político. Nesse ponto, a prática de ensinar assume um caráter de dominação.

Arendt (2002) faz uma análise da educação norte-americana, como a educação moderna não consegue educar, como ela não consegue fazer o aluno aprender a ler, avaliando que uma educação na sociedade de massa não é uma coisa fácil de se fazer.⁶

Para Arendt (2002), compreender a conjuntura de crise na educação implica reconhecer que a função da educação está relacionada à natalidade. Isso ocorre porque as crianças nascem no mundo, trazendo consigo novos seres a um mundo já existente. Em virtude disso, a educação deve existir para formar esses indivíduos que se encontram em um estágio de desenvolvimento, preparando-os para viver plenamente e continuar a vida no mundo.

Pela perpetuidade da vida humana no mundo, ele mundo, precisa ser continuado em função dessas novas gerações que virão, mas de uma maneira de que esse mundo se conserve para isso, porque a própria ida e vinda do ser humano

⁵ A crise da autoridade na educação guarda a mais estreita conexão com a crise da tradição, ou seja, com a crise de nossa atitude face ao âmbito do passado. É sobre modo difícil para o educador arcar com esse aspecto da crise moderna, pois é de seu ofício servir de mediador entre o velho e o novo, de tal modo que sua própria profissão lhe exige um respeito extraordinário pelo passado (Arendt, 2002).

⁶ A América não é simplesmente um país colonial carecendo de imigrantes para povoar a terra, embora independa deles em sua estrutura política. Para a América o fator determinante sempre foi o lema impresso na nota de um dólar – *Novus Ordo Seclorum*, Uma Nova Ordem no Mundo. Os imigrantes, os recém-chegados são para o país uma garantia de que isto representa a nova ordem. O significado dessa nova ordem, dessa fundação de um novo mundo contra o antigo foi e é a eliminação da pobreza e da opressão (Arendt, 2002).



desgasta o mundo, então é nesse sentido que a educação de preparar o humano para esse mundo que continua a existir em função dessas novas gerações.

E para analisar essa função da crise Arendt (2002) vai estabelecer três pressupostos que estão contribuindo para essa situação:

No primeiro a criança é o mundo (impregnado de artificialismo)⁷ esse mundo deve ser observado, não com a criança em grupo, mas com a criança individual, formar essa criança para esse mundo que vai continuar, dar a ela a educação de como é a vida, de como é o ser humano, de como é o mundo, de como é a história, de como a tradição o construiu desde a primitiva história até estes novos tempos. Isso não acontece com a crise da tradição, já há uma negação de como a vida é e com essa negação os adultos preenchem o mundo das crianças de artificialismos, distanciando uma necessária relação entre adultos e crianças.

Com esse argumento a autora vai explanar sobre a questão da responsabilidade dos adultos, dos pais, da escola e do professor, mostrar a realidade do mundo, e o motivo de não explicar à criança como o mundo é, como essa criança vai garantir a manutenção desse mundo, como a criança vai reforçar ou renovar esse mundo, como ela vai contribuir para que esse mundo seja assegurado, seja preservado para que as novas gerações venham.

O segundo pressuposto passa pela questão da emancipação da pedagogia e pela influência da política na questão da educação. Há uma corrosão da autoridade intelectual do professor que não é garantida na questão da formação e da própria capacitação do professor.

Para Arendt (2002) o professor é um representante do mundo velho para as crianças que são os novos que chegam. Eles representam ali todos os adultos. Com essa política de não garantir essa formação intelectual do professor ao transmitir conhecimento para as crianças. Pontua que os jovens ficam relegados aos seus próprios discursos porque essa negligência da formação e da capacitação dos

⁷ Sob o pretexto de respeitar a independência da criança ela é excluída do mundo dos adultos e mantida artificialmente no seu próprio mundo na medida em que este pode ser chamado de um mundo. Essa retenção da criança é artificial porque extingue o relacionamento natural entre adultos e crianças, o qual, entre outras coisas, consiste do ensino e da aprendizagem, porque oculta ao mesmo tempo o fato de que a criança é um ser humano em desenvolvimento, de que a infância é uma etapa temporária, uma preparação para a condição adulta (Arendt, 2002).



professores é um dos grandes males que acarretam a educação moderna, porque basta ter um professor com um passo à frente da própria turma, para lecionar o que não garante a transmissão do conhecimento completo aos alunos.

O terceiro pressuposto, Arendt (2002), é a substituição do aprendizado pelo fazer e consequentemente a isso o brincar pelo trabalho. Diz que a criança permanece num estágio temporário de formação até chegar a fase adulta. Infelizmente os adultos impregnaram nesse mundo da criança uma artificialidade e ele impede que a criança enxergue o mundo do jeito que ele é.

5. A COMPREENSÃO DO MUNDO DE COMO ELE É

A criança não poderá transformar o mundo se não compreender a realidade que a cerca. Para Arendt (2002), é essencial, quebrar essa condição em que os pequenos são confinados. Nesse cenário artificial, as crianças se veem abandonadas por aqueles que deveriam guiá-las. À medida que crescem e deparam-se com o mundo tal como ele realmente é, elas experimentam um profundo estranhamento em relação a essa realidade forjada. Ao entrar nesta nova dimensão, esses jovens sentem-se alienados, e, ao perceberem essa desconexão, os pais tendem a se eximir de responsabilidades, lavando as mãos diante do conflito entre a verdade do mundo e a ilusão em que seus filhos foram criados.

É como se fosse o jovem desiludido com alguma questão da vida humana, e, não tendo o apoio necessário escuta “porque a vida é assim e esse é o principal aspecto dela”. Isso acarreta mais um problema; para Arendt (2002), as crianças não são criadas dentro desse movimento que é somente delas, não, é um universo fabulado, cheio de impregnações do mundo adulto, ela vai dizer que tanto a escola quanto o professor devem preparar a criança para o mundo, ela deve preparar a criança para a vida humana, fazendo com que a criança entenda os aspectos da condição humana⁸ e ensiná-la de maneira fidedigna de como o mundo é fora desse

⁸ Pode-se dizer que a condição humana compreende uma parte geral e outra mais específica e que há correspondência entre cada uma delas e as atividades componentes da “vita activa”, aquilo que o homem dispõe para se relacionar com o seu meio (Adeodato, 1989).



artificialismo.

Ensinar a criança como o mundo é, é assumir a responsabilidade com a continuidade do mundo. Para quem não tem responsabilidade com o mundo, segundo a autora, deveria não ter filhos, a responsabilidade da família, os adultos também rejeitam essa ideia de autoridade do passado (Arendt, 2002).

Então não tem como a educação continuar nesse sistema de rejeição porque ela precisa da tradição, precisa da autoridade do passado para transmitir o seu conhecimento. A mensagem que a autora passa nesse ensaio é a de que a educação deve servir para a formação desse ser humano, a respeito da vida como ela é, do mundo com o ele é, da realidade como ela é que essa criança tenha mais capacidade de transformar esse mundo, de realinhar esse mundo sempre parecendo que está fora do eixo quando uma nova geração chega a ele⁹.

6. A EDUCAÇÃO NORTE-AMERICANA COMO REFERÊNCIA E A TRADIÇÃO

Com forte influência de John Dewey¹⁰ quando a autora se referiu acerca da educação nos Estados Unidos da América (EUA), disse que o pragmatismo da América do Norte aplicado à educação estadunidense estendeu-se, criando movimentos nacionais como, por exemplo, o escolanovismo¹¹ sustentado no Brasil

⁹ O problema da educação no mundo moderno está no fato de, por sua natureza, não poder esta abrir mão nem da autoridade, nem da tradição, e ser obrigada, apesar disso, a caminhar em um mundo que não é estruturado nem pela autoridade nem tampouco mantido pela tradição. (Arendt, 2002).

¹⁰ John Dewey (1859-1952) Filósofo e pedagogo americano autor de obras importantes sobre o pragmatismo, instrumentalismo e reforma educacional (Dewey, 2021).

¹¹ O escolanovismo foi um movimento que surgiu em oposição à escola tradicional magistrocêntrica e voltada para a transmissão de conteúdos. A escola nova, ao contrário, é pedocêntrica e mais preocupada com o processo do que com o produto do conhecimento, uma vez que tem por objetivo a formação do homem para uma sociedade em mudança. A escola nova representa o pensamento liberal burguês (Aranha, 2005).



dentre outros por Anísio Teixeira.¹²

Houve uma abordagem acerca do mundo infantil em que são negados à criança os conhecimentos necessários para que possa entender esse novo mundo em que chegou, portanto, a novidade foi outra categoria articulada pela autora no ensaio (Arendt, 2002).

A responsabilidade pela boa formação do professor em sala de aula não se confunde com a autoridade que deve implementar no ensino. Há vezes em que falta a autoridade, mas existe conhecimento, por outro lado, inverte-se a situação, falta o conhecimento, mas tem-se a autoridade.

Outras considerações sobre o ensaio em comento, foi escrito na coleção de ensaios *Entre o passado e o futuro* em ulterior edição já em 1961, e que Arendt (2002) recomendava primeiramente essa leitura para depois continuar a ler a sua obra. Seguindo nesse aspecto, há um outro livro de Arendt (2002) intitulado *A condição humana* espaço em que ela trata da categoria novidade (Arendt, 2014).

O que é a categoria da novidade como parte da condição humana? Nós nascemos novos e uma série de coisas temos que aprender de novo, tudo vai se renovando, as gerações vão se renovando e com essa nova geração todo o legado que veio do passado não instrui os novos automaticamente.

No contexto norte-americano em que ela escreve sobre a educação, cita os EUA que já tinha uma ideia de novidade muito cedo e a ideia de progresso já se encontrava presente desde a fundação do país. Com o pragmatismo americano a ideia de progresso ganha muita força na educação dos EUA, também no Brasil, o Ministério da Educação teve Anísio Teixeira como um de seus idealizadores. Trata-se de uma figura muito influente na educação e que foi aluno de John Dewey.

Nas palavras pronunciadas por John Adams em 1765 - isto é antes da declaração de independência 'Sempre considerei a colonização da America como a abertura de um grandioso desígnio da providência para a iluminação e emancipação da parte escravizada do gênero humano sobre toda a terra'. Esse foi o intento ou lei básica de conformidade de com qual America começou sua história e política (Arendt, 2002, p. 224).

¹² Anísio Spinola Teixeira (1900-1971) foi um jurista, intelectual, educador e escritor brasileiro. Personagem central na história da educação no Brasil, nas décadas de 1920 e 1930 (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 2024).



A crise da educação tem a ver com esse culto da novidade em detrimento de um legado educacional. Tratando-se de categoria, um perigo que surge com a educação moderna é o que se exclui a criança do mundo da criança, isto é, a criança tem um mundo próprio, referências próprias e todas as coisas delas.

Tentar que a criança aprenda algo mais elevado, algo que é próprio dos adultos, não seria proveitoso. Com isso, Arendt (2002) diz se privarmos as crianças do conteúdo que vai prepará-las para o mundo, para um mundo de desafios, traduz-se em crianças presas em seu próprio mundo o “mundo da criança” que despossuem ferramentas para enfrentar os desafios que aparecem.

Portanto, a noção de espontaneidade infantil sem as ferramentas aptas a encarar o conteúdo do mundo, tende, na verdade, a se formar uma criança que terá mais dificuldades na vida com uma propensão de não cultivar o espírito a não se elevar. Assim, a ideia de se prender a criança no mundo da criança é uma crueldade com a própria criança (Arendt, 2002).

Ninguém contesta a importância de que as crianças tenham acesso a brincadeiras estruturadas, devidamente organizadas em faixas etárias, e a equipamentos lúdicos que apresentem desafios adequados ao seu estágio de desenvolvimento. Contudo, é exatamente nesse ponto que reside a questão central da crise educacional, segundo a perspectiva de Arendt (2002). Presencia-se um reducionismo no processo educativo, que ignora a apreciação de valores essenciais e a vivência das virtudes que deveriam ser cultivadas na prática. Quando essas habilidades e saberes não são integrados pela criança, elas acabam se perdendo em uma educação “solta”, isoladas em seu próprio universo, com o intuito de se desenvolver. Esta abordagem moderna se manifesta em um sistema educacional que desconsidera a tradição como uma base fundamental para o aprendizado.

No caso, Arendt (2002) defende três fatores (explícitos acima em outras perspectivas) que estão presentes na crise da educação. Há um foco no grupo e não na criança que é bem próprio dessas correntes modernas, como dinâmicas de grupos, como são organizados o que tira a ênfase do aperfeiçoamento pessoal e da própria noção que se aprende ou se desenvolve, as virtudes e os conteúdos por



meio da contemplação da verdade específica no desenvolvimento pessoal.

Isso é retirado por causa dessa ênfase sempre no grupo, no conjunto, bem próprio do coletivismo moderno. Por outro lado, percebe-se uma sobrecarga pedagógica muito grande dedicada ao ensino e não à matéria, muito aplicado no pragmatismo americano com luzes para o processo e não para o conteúdo.

Arendt (2002) argumenta que os educadores podem até não ser conservadores na política, sejam ou não, o ponto é que na educação terá que ser, mesmo porque educação é conservar, é conservar determinado legado.

Esse é um problema que ocorre quando apenas se foca nas técnicas de ensino e não na matéria, no conteúdo, com currículos percebidos e elaborados simplesmente por questões de técnicas, nisso os cursos de pedagogias estão extremamente prevalentes.

Outro fator da crise é simplesmente acreditar que somente aquilo que se faz será a única maneira de se aprender, somente o que se vivencia é o que se aprende, esse fator também está muito presente no pragmatismo de John Dewey.

Na América onde Arendt (2002) viveu e escreveu esse e outros ensaios baseada na educação do início do século XX e de suas próprias extensões temporais, o learn by doing, que significa o ato de aprender fazendo, e que, utilizando termo da própria autora, essa técnica se afasta da contemplação do espírito, da visão da verdade, do bem, que são excluídos pelo fato de se estar utilizando o ato de aprender fazendo. Essa técnica reduz muito a experiência do ensino.

Era muito simplesmente a aplicação do terceiro pressuposto básico em nosso contexto, um pressuposto que o mundo moderno defendeu durante séculos e que encontrou expressão conceitual sistêmica no Pragmatismo. Esse pressuposto básico é o de que só é possível conhecer e compreender aquilo que nós mesmo fizemos, e sua aplicação à educação é tão primária quanto óbvia: consiste em substituir, na medida do possível, o aprendizado pelo fazer (Arendt, 2002, p. 231).

Na crise da educação esses três elementos precisam ser restaurados para que sejam repensados de forma mais adequada segundo a visão da própria Arendt (2002). Perdeu-se a tradição, mas o que é a tradição afinal? É tudo o que se busca



no passado, o que se traz de algum lugar histórico com seus movimentos territoriais, com conquistas ou invasões, com atos políticos e sociais ou bélicos, com hábitos e costumes, talhados no ethos, faceados em registros e documentos reconhecidos por sua autenticidade por métodos científicos.

Tradição é um legado. Esse legado com a seleção dos conteúdos mais profundos, aqueles que levam à verdade, precisam ser passados e restituídos na educação. Então, educação e tradição têm uma conexão muito forte. Nas palavras de Políbio¹³, educar era simplesmente “fazer-vos ver que sois inteiramente dignos de vossos antepassados” (Políbio apud Arendt, 2002).

Algo bastante presente na crise atual é a crise da autoridade, repete-se. Autoridade é um instituto que a autora resgata dos romanos e vai falar que é mais que um conselho e menos que uma ordem. Autoridade tem muita ligação não com a pessoa que coage, mas é com quem tem ou é detentor do conhecimento que, dessa forma, pode exercê-la.

Diz ainda Arendt (2002) que muitas vezes o professor que não busca o conhecimento se coloca numa enorme distância do aluno, mormente por estar ele focado no processo, no “como” não no conteúdo e não dominando este, algumas vezes, na ausência do conhecimento, o professor perde a autoridade. Ele não exerce a autoridade na sala de aula, por exemplo. Há uma espécie de falta de clareza entre o que se entende por autoridade comparada ao termo autoritarismo, segundo a autora.

O autoritarismo é a deturpação da autoridade como já referido neste texto, e uma das formas de se evitar o autoritarismo é o ato da autoridade. O ensino necessita de autoridade como defende Arendt (2002). Na educação contemporânea se perdeu a teleologia, ensina-se para quê? Para essa questão na melhor das hipóteses tem-se que se ensina para aprendizagem técnica, nos institutos que comportam esse tipo de educação, institutos profissionais como relata a autora.

¹³ Políbio (203 a.C – 120 a.C) geografo e historiador grego.



7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, conclui-se que a hipótese da demolição dessa nominada crise na visão da autora, pede uma questão. Qual seria o sentido da educação? O sentido da educação é o que tem a ver com a busca da verdade, é o que tem a ver com o encontrar-se a si próprio, é o que tem a ver com uma experiência original e com sua finalidade. Portanto, a crise na educação precisa envolver todos esses fatores e o encontro de uma solução precisa ter todo esse conjunto de elementos. Assim, na intenção de se rejeitar um totalitarismo da educação em tempos atuais, prende-se as crianças e criam-se “mini tiranos” crianças que querem as suas vontades feitas o tempo todo cuja autoridade familiar e/ou escolar aparece desfigurada ou inexistente.

Desse modo, enquanto não compreendidos esses pontos que Arendt (2002) coloca, a tendência é que a crise irá se alastrar indefinidamente o que torna alvos certos a própria educação, desde o ensino básico até o ensino universitário e em razão de estarem, no estrito sentido, perdendo a autoridade porque estão privados do conhecimento dos clássicos e da busca incessante da verdade.

REFERÊNCIAS

ADEODATO, João Maurício. **O problema da legitimidade**: no rastro do pensamento de Hannah Arendt. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

ARANHA, Maria Lúcia de A. **Filosofia da Educação**. 2. ed. São Paulo: Editora Moderna, 2005.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 10. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2014.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002. (Coleção Debates)

ARENDT, Hannah. **Responsabilidade e julgamento**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

A VERDADE sobre A crise na Educação de Hannah Arendt. Palestrante: Mauricio Gomes. [S. l.]: Por outra Educação, 20 de set. 2019. 1 vídeo (9:25 min). Disponível



em: <https://www.youtube.com/watch?v=OEmNGSzOLRI>. Acesso em: 10 maio 2024.

CANTO-SPERBER, Monique (org.) **Dicionário de ética e filosofia moral**. Tradução de Ana Maria Ribeiro- Althoff *et al.* São Leopoldo/RS: Editora Unisinos, 2003. v. 2.

CHAR, René. **Œuvres complètes**. Paris: Gallimard, 1983.

CHAR, René. [Frases]. [S. l.]: O Pensador, 1990. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTM5NzE/>. Acesso em: 10 maio 2024.

CORREIA, Adriano. **Hannah Arendt Filosofia passo a passo**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007. v. 73.

DEWEY, John. **Biografia de John Dewey**. [S. l.]: Biografia, 2021. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/john_dewey/#:~:text=John%20Dewey%20\(1859%2D1952\),na%20experimenta%C3%A7%C3%A3o%20e%20na%20verifica%C3%A7%C3%A3o](https://www.ebiografia.com/john_dewey/#:~:text=John%20Dewey%20(1859%2D1952),na%20experimenta%C3%A7%C3%A3o%20e%20na%20verifica%C3%A7%C3%A3o).

HANNAH Arendt e a Crise da Educação. Palestrante: Guilherme Freire [São Paulo], 15 jun. 2020. 1 vídeo (12:13 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jix8oRxogko&t=430s>. Acesso em: 22 mar. 2024.

KAFKA Franz. **O castelo**. Tradução de Modesto Carone. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

LIVRO - A crise na educação, de Hannah Arendt. Palestrante: Daniel Medeiros. [Curitiba]: Curso Positivo, 23 maio 2018. 1 vídeo (4:59 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=896LXQqKvQk>. Acesso em: 22 mar. 2024. SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. **Anísio Spínola Teixeira (1900-1971)**. [São Paulo]: SBPC, 2024. Disponível em: <https://portal.sbpnet.org.br/presidentes-de-honra/anisio-spinola-teixeira-1900-1971/>. Acesso em: 22 mar. 2024.

TEIXEIRA, Pedro Rhavel; BRAVO, Margareth. “Ele” de Kafka: uma leitura arendtiana. **Garrafa**, v. 15, n. 42, p. 38-47. jan./jun. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view>. Acesso em: 22 mar. 2024.

Sobre o autor

Duarte Bernardo Gomes



Promotor de Justiça do Ministério Público de Minas Gerais. Foi assessor na Corregedoria Geral do Ministério Público de Minas Gerais. Ocupa a cadeira n. 34 da Academia de Letras do Ministério Público de Minas Gerais. Diretor da Revista oficial da Academia. Graduado em Direito pela Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo em São Paulo e em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia em Belo Horizonte. Pós-graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestrado em Filosofia Social pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas em São Paulo. Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Email: duartebgomes@terra.com.br, ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-9916-2115>

Tramitação:

Recebido em: 26/08/2024

Aprovado em: 26/11/2024